

1. Introdução

Nos grandes centros urbanos do século XXI, a palavra família torna-se cada vez mais difícil de ser definida, uma vez que se refere a uma multiplicidade de padrões de relacionamento. As mudanças no papel feminino foram extremamente importantes na constituição da conjuntura atual na qual se encontra a família, na medida em que as mulheres conquistaram maior liberdade sexual e passaram a ocupar espaço no mundo público. Tais conquistas desestabilizaram o modelo familiar tradicional e ainda vêm gerando alterações de comportamento (Gracia & Musito, 2000; Staudt & Wagner, 2008; Jablonski, 2009; Rocha-Coutinho, 2009; Sarti, 2010; Cúnico & Arpini, 2013).

Dentre as significativas mudanças recentes ocorridas nas sociedades industrializadas, ressaltam-se àquelas relacionadas às funções atribuídas ao pai. O valor social conferido à figura paterna vem sofrendo modificações, agregando a noção de um pai que tem maior participação na vida familiar e afetiva, que partilha com a mulher tanto o âmbito público como o âmbito privado. O exercício da paternidade tem ocorrido de forma mais participativa e as demandas sociais passaram a apontar para o envolvimento do pai no cuidado e na criação dos filhos desde bebês (Ramires, 1997; Gomes & Resende, 2004; Staudt & Wagner, 2008; Lyra, Leão, Lima, Targino, Crisóstomo & Santos, 2010; Vieira & Souza, 2010; Cúnico & Arpini, 2013; Prado & Abraão, 2014; Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi & Piccinini, 2014; Vieira & Nascimento, 2014).

Contudo, os processos sociais consistem em transformações amplas e contínuas, que envolvem em geral três ou mais gerações. Segundo Elias (2006), tais processos ocorrem em duas direções opostas simultâneas, posto que a bipolaridade lhes é inerente. De acordo com o autor, tais oposições funcionam como tensões estruturais e, ao longo dos processos sociais, uma estrutura social modificada se impõe à outra, devido a uma reorganização das relações de poder que favorece determinadas mudanças e desfavorece outras.

Neste sentido, concomitantemente ao processo de flexibilização dos papéis de gênero, circula um modelo de gênero tradicional, no qual permanece a equivalência entre sexo anatomo-fisiológico e as respectivas noções de masculino e feminino. Neves (2006) discute os costumes rotineiros que manifestam os

valores sociais referentes à questão de gênero e, por meio de expressões como “homem não chora”, ou “homem tem que ser macho” (p.53), exemplifica posturas impostas ao corpo masculino. Segundo a autora, nas sociedades ocidentais contemporâneas ainda é convencionado que o homem deve controlar seus sentimentos e sua expressão corporal. Nesse sentido, Bourdieu (2009) assinala que os valores relacionados à virilidade masculina são, todavia, dominantes na atualidade.

Mauss (2003) afirma que há uma sociedade dos homens e outra das mulheres, e aponta para a transmissão pela via do corpo acerca do que é ser homem e do que é ser mulher. A oposição entre masculino e feminino se expressa no corpo por meio da rigidez, da retidão e da franqueza de um lado, e, do outro, da discrição, da leveza e da reserva. Existem virtudes propriamente femininas em oposição às propriamente masculinas, que se expressam no corpo através da dimensão dos usos que se faz do masculino e do feminino, ainda muito vinculados ao sexo anatomo-fisiológico (Bourdieu, 2009).

A dimensão cultural a respeito dos sexos está presente no corpo por meio da crença profundamente arraigada na cultura ocidental no instinto maternal, por exemplo. A própria expressão aponta para a naturalização do corpo, e demonstra a desconsideração da produção histórica do instinto maternal por políticas de saúde a partir do século XVIII (Badinter, 1985, 1993; Heilborn, 1997; Rocha-Coutinho, 2005; Staudt & Wagner, 2008; Lyra et.al., 2010). Com isso, a naturalização da crença no vínculo entre uma mulher e seu filho adquire o poder de inscrever tal instinto no corpo e no psiquismo das mulheres, criando-o de fato. Segundo Heilborn (1997), “o corpo não fala por si próprio, se ele enuncia algo é aquilo que a própria cultura o autoriza a falar” (p.50).

Concomitantemente às mudanças sociais do papel masculino, vem sendo possível observar, nos grandes centros urbanos contemporâneos, a emergência da Síndrome de Couvade, caracterizada pela vivência do homem de modificações em seu próprio corpo decorrentes da gestação de sua parceira, com a presença de alguns sintomas semelhantes aos da gestante (Parseval, 1986; Raphael-Leff, 1993; Gomez, Leal & Figueiredo, 2002; Campos, 2006; Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Serra & Serra, 2007; Ferreira, Leal & Maroco, 2010; Martini, Piccinini & Gonçalves, 2010; Jager & Bottoli, 2011).

De acordo com alguns autores (Mauss, 2003; Elias, 2006; Bourdieu, 2009), os valores sociais são atribuídos aos atos corporais, resultando em um enraizamento das estruturas coletivas nas experiências originárias do corpo. Nesse sentido, pode-se pensar que a Síndrome de Couvade enuncia não só uma experiência subjetiva, como também um processo social, decorrente provavelmente da flexibilização dos papéis de gênero. Por outro lado, o enquadramento dessas experiências subjetivas na categoria de síndrome pode apontar também para a valorização de papéis tradicionais de gênero, na medida em que parece desautorizar a vivência corporal da gestação pelos homens.

No âmbito subjetivo, Houzel (2004) afirma que a Síndrome de Couvade, assim como os distúrbios de conduta e as psiconeuroses decorrentes da transição para a paternidade, aponta para mudanças no psiquismo paterno decorrentes de tal transição. O processo de tornar-se pai envolve o confronto com transformações identificatórias profundas - devido à revivência de conflitos antigos - e constitui uma crise de identidade, semelhante à da adolescência (Soifer, 1980; Parseval, 1986; Raphael-Leff, 1993; Campos, 2006; Jager & Bottoli, 2011).

A espera de um filho consiste em uma possibilidade de amadurecimento relacional e psíquico, embora seja também um momento propício a crises emocionais. Durante a gestação, imaginar as características do bebê permite ao pai maior concretude acerca da parentalidade, sendo, neste sentido, importante na elaboração da paternidade. O movimento imaginativo dos pais durante a gestação parece ter repercussões na futura relação pai-bebê, contribuindo para a construção das fantasias e representações paternas acerca do filho, bem como para a forma como o pai interpreta seus sinais após o nascimento (Maldonado Nahoum & Dickstein, 1985; Raphael-Leff, 1993; Santo & Bonilha, 2000; Campos, 2006; Brandão, 2009; Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer & Lopes, 2009).

O parto representa o início da passagem do bebê imaginário para o bebê real. Para os homens/pais, é a primeira possibilidade de estabelecerem trocas diádicas com seus filhos. Nesse sentido, o envolvimento do pai no processo parece facilitar o estabelecimento do relacionamento entre pai e bebê. De acordo com alguns autores (Raphael-Leff, 1993; Santo & Bonilha, 2000; Piovesan, Sonogo & Sand, 2001; Brandão, 2009; Jardim & Penna, 2012), a participação paterna no parto contribui para a ativação de respostas emocionais protetivas do

pai em relação ao filho, provavelmente favorecidas pela partilha de intimidade e proximidade com o recém-nascido nos seus primeiros momentos de vida.

A chegada de um filho constitui-se em uma das transições mais importantes do ciclo de vida, pois modifica o psiquismo dos pais e impõe uma reorganização ao sistema familiar (Picus & Dare, 1978; Bradt & Jack, 1995; Zornig, 2010). Nesse sentido, redes sociais saudáveis são extremamente importantes para que os indivíduos possam ultrapassar tal período de transição com menos dificuldades. A rede social de um sujeito – que inclui todos os seus vínculos interpessoais: familiares, amigos, colegas de trabalho ou estudo, vizinhos e pessoas da comunidade que fazem parte de suas práticas sociais - tanto pode ser promotora de bem-estar e de integração psicossocial, auxiliando no desenvolvimento da identidade e contribuindo para os potenciais de mudança, como pode propiciar mal-estar, adoecimento, transtornos de identidade e maior perturbação durante os processos de transição (Sluzki, 1997).

Alguns estudos (Maldonado, Nahoum & Dickstein, 1985; Dessen & Brás, 2000; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004; Rapoport & Piccinini, 2006; Marques et al., 2010) ressaltam a importância do pai como principal suporte para a mãe, mas não discutem a respeito da rede social que dá suporte à paternidade. Os estudos sobre a transição para a parentalidade têm sido voltados, sobretudo, para a maternidade, e as experiências subjetivas dos pais durante a transição para a paternidade estão apenas começando a ser exploradas.

Neste sentido, o presente estudo pretendeu, como objetivo principal, pesquisar as experiências subjetivas durante a transição para a paternidade, a fim de ampliar o debate a respeito do tema na atualidade, contribuindo para a problematização da dicotomia pai-provedor/mãe-cuidadora. Como objetivos específicos, pretendeu-se investigar: a percepção dos homens sobre sua participação nos cuidados com o filho; as possíveis mudanças experimentadas pelos homens no seu próprio corpo durante a gestação de suas parceiras; e a importância de redes de apoio durante a transição para a paternidade.

Para tanto, foi realizado um estudo exploratório, por meio de entrevistas com oito homens dos segmentos médios da população carioca, com idades entre 24 e 36 anos, sendo todos pais de primeiro filho que coabitam com a mãe do bebê. As entrevistas foram semiestruturadas e baseadas em um roteiro previamente delineado (Anexo 2). Para analisar as entrevistas, foi utilizado o método de análise

de conteúdo (Bardin, 2011). Do discurso dos sujeitos emergiram oito categorias de análise: *Mãe é mãe; Ser Pãe; Demandas contraditórias: patriarca e cuidador; O homem grávido; Ultrassonografia como ritual de passagem; O nascimento do pai; A construção de um vínculo e Dos indivíduos à família*. A discussão dos resultados da pesquisa será apresentada no formato de três artigos, denominados *Ser “pãe”: a luta pela emancipação masculina, O pai atravessado pela gestação: vivências corporais e ritos de passagem e Construindo a díade pai-bebê*. No primeiro artigo, serão abordadas as experiências subjetivas dos homens durante a transição para a paternidade na atualidade por meio da discussão das categorias *Mãe é mãe; Ser Pãe; Demandas contraditórias: patriarca e cuidador*. No artigo intitulado *O pai atravessado pela gestação: vivências corporais e ritos de passagem*, a discussão será em torno das experiências subjetivas dos homens durante a gestação de suas parceiras, abordando a questão das vivências corporais do homem neste período do ciclo vital, bem como das ferramentas disponíveis para a elaboração das mudanças inerentes a este período. Neste artigo serão discutidas as categorias *O homem grávido e Ultrassonografia como ritual de passagem*. No terceiro artigo, o foco será na vivência do estabelecimento da díade pai-bebê pelos homens no período do pós-parto, por meio da discussão das categorias *O nascimento do pai; A construção de um vínculo e Dos indivíduos à família*.